

História da transformação do meio ambiente no entorno do Rio Dourados no município Fátima do Sul: subsídios para o ecoturismo

ITO, Mieko Nagata¹ ; NAKAGAKI, Jelly Makoto,²

¹ Bolsista PIBIC da UEMS; ²Orientador. UEMS/Unidade de Dourados - Centro de Pesquisa em Biodiversidade da UEMS, Cx Postal 351, 79804-970 Dourados/MS. miekoito18@hotmail.com; jelly@uems.br;

Área Temática: Ciências Sociais Aplicadas - Turismo

RESUMO.

Toda atividade de desenvolvimento humano envolve recursos naturais, e sem dúvida afeta elementos socioeconômicos, políticos e culturais em que esta inserido. Este trabalho teve por objetivo verificar a transformação do meio ambiente nas margens do Rio Dourados, no município de Fátima do Sul/MS, no período de 50 anos. Para tanto, o projeto foi dividido em duas fases: uma documental, na busca de elementos históricos e culturais e outra fase que implicou na pesquisa de campo a qual permitiu verificar a percepção da população local através de entrevistas e relatos, além de imagens fotográficas do acervo particular das famílias que retratem este ecossistema. O enfoque está centrado nos processos de mudança populacional, expansão das fronteiras agrícolas e uso turístico que ocorreram ao longo desse período. Uma coleção de fotos históricas foi obtida dos moradores tradicionais, onde pode-se retratar a mudança da paisagem da flora e das culturas predominantes. Além disso, foram identificadas 68 espécies de animais e 21 de plantas que eram abundantes na percepção dos moradores e que hoje são bastante raras.

Palavras Chaves: Biodiversidade. Percepção. Fauna. Flora.

INTRODUÇÃO.

Segundo Gressler e Vasconcelos (2005) a criação de Dourados ocorreu nos anos 1935. Possuía área municipal de 21.250 quilômetros quadrados, com população estimada em 20 mil habitantes. Com o crescimento da população, ao longo dos anos, aconteceu o desmembramento dos municípios: Itaporã (1953), Caarapó (1958), Naviraí (1963), Jateí (1963), Ivinhema (1963), Glória de Dourados (1963), Fátima do Sul (1965), Angélica (1976), Deodápolis (1976), Douradina (1980), Vicentina (1987), Juti (1987). A maioria dos municípios citados estão inseridas na Micro Bacia do Rio Dourados. Destaca-se que o desenvolvimento sócio-econômico desta região foi baseada na agro-pecuária, verificando-se uma transformação da paisagem, das matas nativas para plantação de soja, milho e pecuária, e nos últimos anos a plantação de cana-de-açúcar. A transformação da cobertura natural, através da devastação da vegetação nativa, do desrespeito à

legislação (Decreto-lei 4.771/1965), das queimadas, dos defensivos agrícolas, da pesca e da caça predatória provoca a redução e muitas vezes o extermínio de espécies da fauna e flora locais. Diante desse fato alarmante, entendemos que o conhecimento histórico da ocupação da Micro Bacia do Rio Dourados e sua transformação através do uso sustentável pelo turismo podem auxiliar no processo de conservação dos remanescentes de mata da região. Este trabalho teve por objetivo verificar a transformação do meio ambiente nas margens do Rio Dourados, no município de Fátima do Sul/MS, no período de 50 anos.

MATERIAIS E MÉTODOS

O trabalho foi realizado no município de Fátima do Sul/MS e a busca de dados foi delimitada em um período de 50 anos (1959–2009). O município foi selecionado por ser o único que utiliza o rio para o turismo de forma mais intensa, ao longo de seus 380 Km de extensão. A pesquisa teve dois enfoques: o caráter documental e a coleta dos dados. A primeira fase da pesquisa iniciou em agosto de 2009, com o intuito de caracterizar a região: localização, história e a atual administração do município. Em seguida realizou-se pesquisa bibliográfica nos acervos da biblioteca do Centro de Documentação de UFGD, bem como na Prefeitura de Fátima do Sul, na Secretaria de Educação Esporte Cultura e Turismo. Em dezembro iniciou-se a pesquisa de campo. Foi aplicado um total de 24 entrevistas, com os moradores locais, selecionados a partir do tempo de residência no município com mais de 20 anos, que durante este tempo tenham exercido atividades rurais, bem como que tenham realizado suas atividades no entorno do rio Dourados. Utilizou-se uma lista prévia de nomes da fauna (138) e flora (69), devido aos entrevistados terem idade avançada e muitas vezes apresentarem dificuldades de lembrar os nomes.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

No que tange ao perfil dos entrevistados: 83,33% eram do sexo masculino e 16,67% do sexo feminino. Deste total, 87,5% eram casados, 8,3% divorciados e 4,2% outros. Todos de idade entre 40 e 82 anos. As profissões dos entrevistados eram diversificadas: 33,33% agricultores, 16,66% aposentados, 8,33% agricultor e pecuarista, 8,33% produtor rural, 4,16% pecuarista, 4,16% do lar, 12,49% professor, 4,16% pescador profissional, e 4,16% vidraceiro, conhecedor do entorno do rio por ser um pescador amador. No que diz respeito a descendência 33,3% eram italianos, 25% japoneses, 20,83% brasileiros, 12,5% portugueses, 4,16% sírio-libaneses e 4,16% alemães, demonstrando a complexidade das culturas que foram impressas nesta região. Do público entrevistado 54,16% tem sua propriedade na área rural, 29,16% nas margens do Rio Dourados - independente de ser urbano e rural – e, 12,5% na área urbana. O tempo de residência

dos pesquisados variam de 21 a 50 anos. No que diz respeito a situação das matas nativas em suas propriedades: 29,16% dizem preservar a mata, 16,66% alegam que existia mata nativa e que hoje se encontra extinta, 12,% alegam que já no ato da posse do terreno não havia mata nativa, e que continua da mesma forma, 8,32% diz ter reflorestado e aumentado a área. Ao questionar os motivos da mudança na paisagem, a transformação climática e a mudança do cultivo agrícola de policultura para monocultura foi outra citação da maioria dos entrevistados.

Segundo relatos, o tipo de cultura muda tanto à margem direita quanto à esquerda do entorno do Rio Dourados. A esquerda há predominância de pecuária por ser uma área alagada com várzeas que é impróprio para agricultura, e na margem direita foram plantadas algodão, amendoim, feijão, soja, milho, arroz, trigo, mamona, mandioca, silvicultura, apicultura e café. Nos anos 50 concentrou-se a produção de arroz, feijão, milho e algodão. Já nos anos 60, a produção estava concentrada na pecuária, algodão, amendoim e mamona. Os anos 70 estavam centrados na pecuária, soja, milho, café, algodão e trigo, Os anos 80 a produção estava calcada no feijão, milho, arroz, soja e trigo. Na década de 90 a região produzia mel, ave, gado, soja, milho, trigo e algodão. Finalizando, os anos 2000 a produção estava centrada em soja, milho, pecuária, silvicultura, mandioca, pecuária, feijão e cana-de-açúcar.

O livro Centenário da Imigração Japonesa na Grande Dourados (ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIPO-BRASILEIRA SUL MATO-GROSSENSE, 2008) afirma que, podem-se observar as mudanças de cultivo agrícola de amendoim para a soja entre 1970 a 1976, conhecendo um pouco da história da Indústria de Óleo Pacaembu S/A em 1970, onde iniciou as atividades em Fátima do Sul com compra e beneficiamento de amendoim e a seguir a extração de óleo, em 1976 ampliou a sua indústria para à extração de óleo por solvente e passou a operar na industrialização de óleo e farelo de soja. Segundo Capilé (1999), o período de 1955 a 1970 foi a fase áurea do setor comercial do município, sendo que na época a população atingiu 63.000 habitantes no início da década de 1960. A Vila Brasil (antigo nome dado ao município de Fátima do Sul) apresentava uma economia diversificada, com os cultivos de amendoim, arroz, feijão, milho, mamona e café.

Quanto a descrição de espécies de fauna e flora existentes a época, conforme Quadro 1, foi possível perceber que no decorrer das décadas a maioria das espécies consideradas abundantes ficaram raras na região, também ao diferenciar o tipo de cultura agrícola foram observados ocorrência de novas espécies. A lista de espécies que foram consideradas como abundantes pode ser utilizada para futuras pesquisas no caso de uma re-introdução das espécies para fins turísticos em áreas específicas de visitação. Desta forma, os relatos do livro e dos entrevistados são condizentes com a realidade.

Quadro 1: Lista de espécies da flora e fauna consideradas comuns no passado e que se tornaram raras no tempo presente, segundo visão dos moradores locais.

Nome popular	Nome científico
Macaúba, macaúva, coco-baboso ou coco-de-espinho	<i>Acrocomia aculeata</i>
Figueira, ficus, gameleira (ou gomeleira) e caxinguba	<i>Ficus carica</i>
Ingá, Ingazeira	<i>Inga vera</i> subsp. <i>affinis</i> (ingá-doce), <i>Inga laurina</i> (ingá-feijão), <i>Inga subnuda</i> subsp. <i>luschnatiana</i> , <i>Inga marginata</i> , <i>Inga edulis</i> (ingá-cipó), <i>Inga barbata</i> , <i>Inga virescens</i> e outros.
Angico-branco, angico, angico branco liso, angico cambuí, angico côco, angico escuro, angico liso, angico vermelho, aperta ruão, cambuí, cambuí angico, cambuí vermelho, cauvi, curupaí, jurema preta, monjoleiro.	<i>Anadenanthera colubrina</i> (Vell.) Brenan
Ipê-amarelo-da-serra, Ipê-amarelo, Ipê-branco, Ipê-mirim, Ipê-rosa, Ipê-roxo, Paratudo, Pau-d'arco, Piúva	<i>Tabebuia acrophylla</i> , <i>T. actinophylla</i> , <i>T. acunana</i> , <i>T. Affinis</i> , <i>T. alba</i> Sandwith, <i>T. anafensis</i> Urban, <i>T. angustata</i>
Paineira, sumaúma, barriguda, paina-de-seda, paineira-branca, paineira-rosa, árvore-de-paina, árvore-de-lã, paineira-fêmea, paineira-do-cerrado, paineira-amarela	<i>Ceiba speciosa</i> (St.-Hill.) Ravenna, <i>Ceiba glaziovii</i> , <i>Eriotheca gracilipes</i> , <i>Spirotheca rivieri</i>
Gambá	<i>Didelphis albiventris</i> , <i>Didelphis aurita</i>
Jão-de-barro, forneiro	<i>Furnarius rufus</i>
Ema, nandu ou nhandu	<i>Rhea americana</i>
Piau, Piau três pintas, Aracu comum, Aracu cabeça gorda	<i>Leporinus friderici</i>
Dourado	<i>Salminus maxillosus</i>
Arraia Motoro, Arraia Ocelada, arraia porco-espinho, arraia reticulada	<i>Potamotrygon motoro</i> , <i>Potamotrygon histrix</i> , <i>Potamotrygon orbignyi</i> , <i>Potamotrygon menchacai</i>

Sobre as perspectivas futuras do uso agrícola, 100% responderam que manterá continuidade na atividade atual. Sobre a utilização das águas do rio Dourados, as respostas foram as seguintes: 58,33% para atividades de lazer, em especial a pesca, 25% não utilizam e 12,5% utilizam em outras atividades como trabalho: pesca profissional e criação de animais. No livro História de Fátima do Sul podemos observar que o rio foi bastante utilizado para o lazer quando ela narra que: “no rio Dourado, podia-se passar o dia banhando-se ou pescando. Outros preferiam postar-se sobre a ponte de madeira, e lá ficar admirando a paisagem”, em outro trecho, (...) “o rio Dourado continuava trazendo banhistas para a tão famosa Ilha do Sol e Jangadeiro, atraídos pela beleza natural do município (CAPILÉ, 1999, p. 52-53). Sendo assim concluí-se que o rio Dourados, ainda continua o local preferido dos moradores do Fátima do Sul, confirmando os dados supracitados. Desta maneira, este cenário está enraizado na vida destas pessoas, cabendo explorar melhor o cuidado deste espaço para a implementação de possibilidades ecoturísticas.

No decorrer da pesquisa foi possível confirmar a transformação do meio ambiente no entorno do rio Dourados no município de Fátima do Sul – MS, através do cruzamento dos dados primários e secundários. O depoimento dos entrevistados se materializa com os dados

encontrados no referencial bibliográfico, bem como nas fotos que ilustram esta realidade. No que diz respeito a influência do crescimento populacional para a transformação deste cenário é possível afirmar que entre os anos de 50 e 60 a população toma dimensões expressivas totalizando 63.000 habitantes reduzindo paulatinamente no decorrer dos anos, chegando em 2009 com 19.333 habitantes. Nesse sentido cabe dizer que as pessoas foram imigrando para a capital em busca de novas oportunidades, em especial de trabalho. Sobre a expansão da fronteira agrícola cabe dizer que no início, anos 50, a agricultura estava pautada na subsistência das famílias. Hoje, houve um investimento em potencial na agricultura, na pecuária, na avicultura e na silvicultura. Já, sobre o crescimento do uso turístico a população afirma cultivar o rio como fonte de lazer, principalmente com a pesca. Mas não se observa o investimento do poder público e privado no sentido de aproveitar o potencial que se encontra latente nesta localidade. Por fim, a partir da constituição de um acervo fotográfico, foi possível afirmar a transformação na paisagem deste município, no campo de abrangência do rio Dourados, nos últimos 50 anos.

AGRADECIMENTO:

A UEMS pela concessão da bolsa. A secretaria de Educação Esporte Cultura e Turismo de Fátima do Sul pela autorização da aplicação das entrevistas no local. Aos entrevistados pelas valiosas informações. As pessoas que dispuseram o seu tempo e colaboraram direta e indiretamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

ASSOCIAÇÃO CULTURAL NIPO-BRASILEIRA SUL MATO-GROSSENSE. **Centenário da Imigração Japonesa na Grande Dourados**, Dourados: ACNBSMS, 2008.

CAPILÉ, Claudia Coutinho. **História de Fátima do Sul**. Dourados: Graf. Caiuas, 1999.

GRESSLER, Lori Alice; VASCONCELOS, Luiza Mello. **Mato Grosso do Sul: aspectos históricos e geográficos**. Dourados: Do autor, 2005.

PELLEGRINI-FILHO, Américo. **Ecologia, cultura e turismo**. 2 edição. Campinas: Papirus, 1997.